



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

5 DE MAIO DE 1976.

VISITA A INGLATERRA.

AGRADECENDO SAUDAÇÃO DO LORD
MAYOR DE LONDRES, APÓS BANQUETE
NO GUILDHALL.

Senhor Prefeito,

Suas Altezas Reais,

Minhas Senhoras, Meus Senhores,

Agradeço as palavras de Vossa Excelência, nas quais encontrei vivo calor humano, a par de evidente simpatia para com meu povo e meu País. Cada povo projeta, de si mesmo, uma imagem, na qual assume relevo especial este ou aquele traço, o que pouco se altera mesmo com o conhecimento mais aprofundado que o convívio possibilita. Assim, a idéia que nós, brasileiros, fazemos dos ingleses não deixará de estar sempre, também, influenciada pelos estereótipos que o caráter peculiar do povo britânico tornou universalmente associados à sua imagem.

Concordo com Vossa Excelência em que nenhum conhecimento indireto, por mais douto que seja, vale o contato pessoal para a boa compreensão de um povo e a correta avaliação de um país. Nesse sentido, presumo mesmo que algum conhecimento possa, em certos casos, ser mais prejudicial à correta apreciação de um fenômeno social do que nenhum conhecimento prévio a seu respeito. E se faço esta reflexão, é para retomar uma observação de Vossa Excelência

sobre o tempo perdido nos bancos escolares, quando, talvez, não tivesse sido dada a requerida atenção às aulas de História e Geografia. Pois, Senhor Prefeito, que lente profético poderia há trinta, vinte, dez anos, haver descrito o Brasil que hoje somos? O conhecimento adquirido certamente estaria superado pela dinâmica dos fatos subseqüentes.

Não vou cometer a indiscrição de aventurar-me a presumir o momento em que Vossa Excelência teria freqüentado os bancos escolares. Presumirei, no entanto, que grande parte da população britânica haja feito seu primeiro grau escolar por volta de 1950, apenas para indicar as extraordinárias diferenças ocorridas, no espaço de uma geração, entre o Brasil que lhes teria sido então ensinado e o que hoje realmente somos.

Para citar, apenas, o mais dramático desenvolvimento, a população brasileira teve um aumento, nesses vinte e cinco anos, superior ao total da população atual do Reino Unido, tendo passado de 52 para 110 milhões de habitantes. Enquanto assim dobrava a população, a produção agrícola triplicava, a produção industrial sextuplicava e o comércio internacional crescia quase dez vezes. Em conseqüência, o produto real brasileiro quadruplicou no mesmo período. Um expressivo índice revelador das necessidades acarretadas por esse dinâmico crescimento é o do aumento da capacidade de energia elétrica instalada no Brasil, o qual cresceu mais de doze vezes naquele espaço de tempo. Evidentemente, um tal crescimento provoca profundas alterações qualitativas

na sociedade. Assim, enquanto, em 1950, 36% da população vivia em áreas urbanas, hoje essa percentagem subiu para quase 60%. Mas não vou cansar os Senhores com essas comparações que, em sua eloquência, demonstram o que me propus revelar, ou seja, quão diferente é o Brasil de hoje daquele que teria sido aprendido nos textos escolares, há apenas uma geração atrás.

As dimensões do esforço realizado pelo Brasil assumem exatas proporções quando levamos em conta as dificuldades que, em anos recentes, vieram somar-se àquelas, de natureza estrutural, características dos países em desenvolvimento. Refiro-me, particularmente, à crise interna que viveu o País no período imediatamente anterior a 1964 e, dez anos depois, à crise internacional realçada pela dramática explosão dos preços de petróleo.

A Revolução de março de 1964 pôs cabo ao processo de desmoronamento econômico e social do País e recolocou o Brasil na trilha do progresso. Nos primeiros anos de reajustamento, medidas rigorosas foram necessárias para reduzir uma taxa anual de inflação, que ultrapassara a casa dos 100%, para conter os crescentes *deficits* do balanço de pagamentos e reestruturar a dívida externa, para restaurar a renda real, acelerar a criação de empregos e corrigir as distorções regionais e sociais da economia. Mas, depois, o País veio a alcançar tais níveis de progresso que se tornou moda falar de um «milagre brasileiro». Desde 1968, o produto real brasileiro cresceu 104% e a renda real, *per capita*, 63%. As exportações

mantiveram o excepcional ritmo de crescimento anual de cerca de 23% e anos sucessivos de saldos no balanço de pagamentos permitiram ao País alcançar níveis recordes de reservas. Assim, tanto no plano interno quanto no externo, criaram-se condições extremamente favoráveis para o progresso continuado. Graças a essa situação, pôde o Brasil enfrentar, em condições excepcionais, a crise econômica que, em grande parte, foi desencadeada pela elevação dos preços de combustíveis, a partir de 1973. Em 1975, o pior ano para a economia mundial no contexto da presente crise, o produto real brasileiro cresceu entre 4 e 5% e as exportações, não obstante a recessão dos mercados dos países desenvolvidos, aumentaram quase 9% em valor.

Tais resultados têm valido, a meu País, a confiança da comunidade financeira internacional e dos investidores de todo o mundo. Uma política de equitativo e justo tratamento ao capital estrangeiro, associada às garantias fornecidas pelo próprio desempenho da economia, favorece a participação estrangeira no desenvolvimento nacional. Ao mesmo tempo, uma equilibrada administração da dívida externa, pautada por uma rigorosa compatibilização da mesma com a criação de recursos para sua amortização, permite ao País manter o fluxo de novos financiamentos e investimentos, sem risco para os supridores desses recursos.

Presente a esse esforço nacional, tem estado constantemente a preocupação com a disseminação social dos frutos do progresso material. É verdade

que, nos primeiros anos da recuperação econômica, ocorreu certa concentração de renda nas camadas mais favorecidas da população. Mas isso foi o resultado, sobretudo, da aceleração do crescimento demográfico e das repercussões de deficiências existentes no sistema educacional anterior a 1964, com o resultante excesso de demanda para trabalhadores qualificados e de oferta para mão-de-obra não qualificada. Uma política educacional mais adequada ao estágio de desenvolvimento nacional e a estrutura da economia conduzirá a uma redistribuição de renda melhor. Idêntico resultado, meu Governo está procurando atingir por outras fórmulas, que vão da reforma do Imposto sobre a Renda à extensão dos benefícios da previdência social e dos fundos institucionais de poupança e à modificação da política salarial. A esses esforços, devo ainda acrescentar os que vem realizando o Governo para redistribuir regionalmente a renda, através de incentivos criados para pólos de desenvolvimento em zonas economicamente menos aproveitadas do País.

Senhor Prefeito,

Espero não ter cansado esta seleta audiência com tantas cifras e observações sobre a economia do meu País. Mas achei, nas palavras de Vossa Excelência, um provocante convite para uma exposição que desse, em breve sumário, alguns traços marcantes da atualidade do Brasil, a qual nos permite, como bem notou Vossa Excelência, nos sentirmos orgulhosos de ser brasileiros.

Mais uma vez agradeço a Vossa Excelência as palavras de cordialidade que teve para com o meu País. Agradeço, também, a generosa hospitalidade da cidade de Londres, tão expressivamente representada neste banquete. Que a calorosa simpatia que a todos une nesta sala seja o símbolo perene das relações entre nossos povos.